

XXXIX Opa Nacional – 2018 – Entre ovelhas e lobos.

O Um e sua divisão: coração e cérebro.

Tempos humanos encurtados em mim.

Tempos perceptivos não mais são permitidos...

Tempo da semente romper, tempo de desabrochar, tempo de estar, tempos internos, externos, tempo do deserto silencioso não se faz mais. O percurso no labirinto sensível se transformou em infinitos desdobramentos, tantos, que o deserto se fez em mim e fui me transformando em caminhos curtos sem respirações completas.

O que era fluxo tornou-se entrecortado, recortado, múltiplo, solitário, exclusivo, especializações cartesianas e o mundo tornou-se dicotômico e absoluto em seus opostos, eu e você, dia e noite, falso e verdadeiro, certo e errado... Definições artificiais de saberes naturais.

Eu sei você ignora.

Eu ensino você aprende.

Artifícios do ego artificializando tudo, a vida conservantes, estabilizantes, congelamentos. As cidades se encheram de pontes e nós destruimos as que nos uniam. O fim dos conteúdos ingênuos das descobertas. Construimos pequenas gavetas estagnadas e herméticas em seus rótulos e definições. Labirintos de percursos espirituais desfeitos, os desertos emudeceram e o eu sei se tornou nossa maior máscara, nossa armadura de defesa para o que não sabemos. Todas as infinitas combinações naturais saíram do nosso campo perceptivo e ignoramos nossas precariedades. O imprevisto virou técnica, o imprevisto eliminado, as respostas inesperados devaneios, negamos nossa tão rica fragilidade.

Nas regras estabelecemos dualismos absolutos, esquecendo a natureza única intrínseca a cada materialidade.

A carne como morada do espírito, minha primeira casa. “Eu vos enviarei como ovelhas entre lobos. Sede portanto, astutos como serpentes e inofensivos como as pombas.” Mt 10:16

A carne é finita, característica de toda e qualquer matéria física, a carne tem em seu cerne o instinto de sobrevivência, e seu caráter é a finitude.

O espírito é eterno, tem a capacidade de tudo acolher, a mulher adúltera, a samaritana, o perdão da ignorância na condenação de Cristo. “Pai perdoai-os, eles não sabem o que fazem.” Lc 23:34

E assim os espíritos se fundiram aos corpos com o objetivo de sutilizá-los, de renascê-los com Cristo, até a unificação completa fazer-se luz.

Não mais corpo e espírito, não mais instinto e transcendência, ultrapassar a razão e apenas ser.

Liberando níveis de consciência múltiplos, transformando cada experiência em única. Não mais pautar o olhar, o cheiro, o tato, a audição, o gosto em memórias de experiências do passado. Toda vivência é em si mesma completa, pontes reais entre o antes do segundo e seu depois. Suas configurações são únicas, seus significados também. Breves intervalos de realidade, concretude efêmera de fazer-se nova sempre.

Deixar-se viver tudo pela primeira vez, sem perder ou negar o que se sabe. Como disseram os artistas do modernismo europeu: “É preciso três anos de treino para desenhar como Leonardo Da Vinci e talvez não baste uma vida inteira para desenharmos com a espontaneidade de uma criança.” Onde um círculo é um carro, uma linha um pássaro, uma cor o mundo inteiro. “Cada época tem sua própria inteligência”

Nenhuma materialidade é por si mesma, como disse o grego Protágoras: “o homem é a medida de todas as coisas”. Nós as definimos como são e como não são. Estagnados ou fluidicos são estados escolhidos. Um é o outro apenas um simulacro. Se até a água quando parada apodrece, pergunto: Porque tornamos em definições absolutas todos e tudo a nossa volta e em nós mesmos? Porque uns são lobos outros ovelhas? Se Deus é um em sua criação, não são dois. Embora a matéria necessite do par de opostos para criar um terceiro corpo, somos todos, o um indivisível. O criador, Deus, cujo filho se fez carne para ensinar a construir a ponte, a integração da matéria e o espírito, o amor.

Diversidade nos trouxe o Espírito Santo, seu dom e legado, impulso para novas associações e descobertas perceptivas. Não mais eu e você, mas, nós, a terceira pessoa indefinível em sua individualidade. Novas possibilidades de ser, o outro como espelho de mim.

Somos ação, somos criação, somos natureza.

Rita Della Rocca

(Leitura em plenário feita por Ines, Sandra Mouta, Anna K e Rita)